APRESENTAÇÃO

Poucas são as pessoas que hoje em dia escrevem à respeito de sua terra natal. Muitos por esquecimento; outros por falta de dados concretos, outros por absoluta falta de sentimento pátrio à terra em que nasceu.

Agradeço a meu pai sua iniciativa de escrever ***"PEDAÇOS DA HISTÓRIA DE SÃO JOÃO DO CARIRÍ"****. Embora faça questão de citar que seus escritos são humildes do ponto de vista literárko, teve coragem, sensibilidade e acima de tudo vontade de escrever sobre sua gente. Fez uma verdadeira volta ao passado, relembrou lutas e desmando que já estavam esquecidos, viveu novamente, voltou a brincar no seu Cariri que tantas glórias e satisfação lhe proporcionou. Apesar do tempo que se passou, faz uma descrição de seu torrão e de seu povo com riqueza de detalhes impressionantes.*

Coisas que passariam despercebidas por qualquer pessoa, estiveram sempre guardadas em sua memória e seu coração. É como se recordar de um amor. Um grande amor não se esquece, é uma chama sempre acesa em nossa vida e São João do Cariri é para ele um grande e infinito amor, tão grande, tenho certeza de que ficará vibrando nele na eternidade.

"Pedaços da História de São João do Cariri" é um legado de um dos seus filhos, senão o mais ilustre ou mais literato, mais aquele que verdadeiramente a ama e lhe dá o merecido valor.

Escrever para mim é como ensinar. O que ensinar senão fazer os leitores entenderem a mensagem inserida nos seus escritos, e isto meu Pai você conseguiu. No meu entender, de forma brilhante, com dedicação, amor e paciência.

O Senhor nos premiou com a arte de ter esperança.

Que Deus o conserve por muitos e muitos anos, para que possamos viver sem reabrir velhas feridas e nem provocar novas.

Enfim, que sejamos pessoas solidárias, esperançosas e acima de tudo crentes de nossas reais possibilidades de salvação e ressurreição em Cristo.

Clésio Borburema Brito.

AGRADECIMENTOS

Ao ilustre Senador Antonio Mariz pelo incentivo.

Ao Dr. Itamar Cândido, Diretor Presidente do jornal "A União" pela ajuda e apoio.

"O Meu Cariri"
Rosil Cavalcante

No meu cariri
Quando a chuva não vem
Não fica lá ninguem
Somente Deus ajuda
Se não vier do céu
Chuva que nos acuda

Esta é uma estrofe do Baião do Meu Cariri de autoria do compositor campinense de saudosa memoria Rosil Cavalcante que era casado com uma filha do Cariri, Maria das Neves Coura, filha do Sr. Murilo Coura e Maria Ramos Coura, da tradicional família "Ramos".



JOSÉ DE FARIAS BRITO

INTRODUÇÃO

Na apresentação do belo trabalho de pintura da intelectual professora Maria do Socorro Tavares Meira, deparamos com a seguinte paródia:

"Todos pintam a sua terra também, vou pintar a minha".

No nosso modesto trabalho que se intitula "Pedaços da História de São João do Cariri", poderia eu dizer:

"Todos descrevem a sua terra, eu também descrevo a minha".

Não foi tão fácil, por falta de elementos históricos e sobretudo concretos. Tivemos que nos valer de dados fornecidos pelo estudioso conterrâneo Bel. Tavares de Farias, do IBGE, do pesquisador e escritor Wilson Seixas, do saudoso jornalista do Cariri José Leal e escritos do saudoso Campinense Jornalista Cristino Pimentel em seu Livro "Pedaços da História da Paraíba".

É sem dúvida uma pequena obra escrita por amor à terra. Escrita como falo, porque devemos escrever como falamos.

O objetivo é bem diferente, queremos divulgar o retrato da terra seca do Cariri e o valor e coragem de seus filhos fortes.

O leitor irá deparar-se com erros e omissões involuntárias, por isto nossas desculpas e o resto fica por conta desta quadrinha:

Em cima daquela Serra,
Tem mangaba e tem pequi,
Tem muita moça bonita
E cabra bom de fuzi...
Ao redor de quatro léguas
Tem cabra filha da égua
Terra Boa é o CARIRI..."

Brito Paraíbens...

Adorei o seu livro.

Foram escritos simples, cheios de originalidade e beleza de estilo.

"Pedaços da História de São João do Carirí", desperta o interesse do leitor deixando-o bem informado através de uma leitura amena e agradável.

Enfim, seu livro são páginas verdadeiramente culturais.

LYGIA M. DE ALMEIDA

Em, 13.12.89

DADOS PESSOAIS

Nome:	José de Farias Brito
Data de Nascimento:	03 de Junho de 1924
Filiação:	Inácio Francisco de Brito
	Laura de Farias Brito
Nacionalidade:	Brasileira
	Natural de São João do Carirí
Escolaridade:	Primária.

DADOS FUNCIONAIS

Funcionário Público Federal
Ministério da Agricultura
Delegacia na Paraíba
Função: Chefe do Setor de Legislação.

CURSOS REALIZADOS

- Curso de Treinamento dos Agentes da Reforma Administrativa, realizado em João Pessoa/PB., em novembro de 1970.
- Curso Prático de Relações Aplicadas da Fundação Pe. Ibiapina - União dos Previdenciários do Brasil, coordenado pelo Professor Paulo Tenório, realizado em João Pessoa/PB., de 17 à 28.08.71, num total de vinte aulas.
- Certificado de Curso Prático de Comunicação Social da Fundação Pe. Ibiapina, num total de 16 aulas, no período de 14 à 24.03.1972.
- Curso de Treinamento "Noções Gerais de Administração e Relações Humanas", realizado em João Pessoa/PB., no período de 26 de junho à 31 de julho de 1980.
- Curso de Administração de Pessoal - (DITREMA) - realizado em Brasília/DF., no período de 09 à 13 de 1983.

AOS MEUS FILHOS

Clésio, Cleneide, Inácio, Fátima, Lúcia, Vânia, Tereza, Kátia, Elza, Elson e Maria de Lourdes (LULU)., para que vivam sempre à sombra do Cristianismo, percorrendo a estrada do bem, para que o mal não invada suas almas.

HOMENAGEM PÓSTUMA

AO MEU PAI, INÁCIO FRANCISCO DE BRITO com sentidas saudades e muitas recordações.

Foi por ele e para ele que fiz este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A minha MÃE - LAURA DE FARIAS BRITO que graças ao bom Deus, ainda vive e poderá atestar a veracidade do que escrevo neste trabalho.

Obrigado Mamãe., Obrigado Senhor pela graça.

Permita-me caríssima e intelectual Poetisa Luiza Limeira de Carvalho, transcrever para o nosso trabalho, a poesia de sua autoria "O Luar da Minha Terra" do seu livro "ESPAÇOLAR".

O LUAR DE MINHA TERRA

– Quão bonito é o luar de minha terra,
espalhando-se, palidamente, na caatinga,
derramando flocos de prata, lá, nas serras,
clareando as calmas campinas!

Como é bom o luar de minha terra,
amortecendo, da noite, a escuridão,
alumiando a estrada do homem, que corta a serra,
em busca da amiga para matas a solidão!

Como é belo o luar de minha terra,
recrudescendo a ilusão dos namorados
ou, no calado da noite, em tempo de guerra,
dando luz aos olhos do soldado!

Como é lindo o luar de minha terra,
levando gente ao forró do sanfoneiro
e, das campinas, da caatinga e das serras,
levando o fã do repentista ao seu terreiro!

Como é belo o luar de minha terra,
pontual, puríssimo, prateado,
luando, com toda beleza que encerra,
trazendo alegria ao povo, enganando o galo!

Como é puro o luar de minha terra!
Cálido luar! Belo luar! Prateado luar!
Nos campos, na cidade, na caatinga, na serra,
vem, belo luar, nossas noites, sempre clarear!

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA (FUNDAÇÃO)

É ainda duvidoso que Custódio Martins tenha sido o desbravador desse lugar, uma vez que na Carta de Sesmaria de 1669, alega estar estabelecido há três anos junto ao São João, localizado à margem do Rio Paraíba. E o Rio Paraíba não banha a atual cidade. O seu curso desenvolve-se bastante distante à altura de Vila Caraúbas.

Em 1750, na informação do Capitão-Mor Clemente Amorim e Souza, o atual Rio Taperoá, que banha a cidade era citado como Rio Travessia, indicando que essa era a sua toponímia sendo a denominação de São João, invenção regularmente recente a de Taperoá, crisma dos nossos tempos. O referido Capitão-Mor, assim se expressou no citado documento:

"Entre o Sítio Cornoio e o Sítio da Cruz, faz barra de mão direita, o rio chamado Travessia"

Outro ponto nebuloso, é a data da criação da Paróquia, dada como tendo se verificado em 1750, mas em 1746 já era mencionada a freguesia de "Nossa Senhora dos Milagres" do Carirí de Fora, regida pelo Padre Luiz Cunha. A partir desse ano consolidou-se a denominação da localidade de Travessia de "Nossa Senhora dos Milagres".

Confusa como se vê, a cronologia da história atual da Cidade de São João do Carirí.

Certo é que o núcleo humano que se condensou em torno da igreja de Nossa Senhora dos Milagres, evoluiu satisfatoriamente, de

modo que em 1774, contava na sua jurisdição religiosa 2 capelas, 67 fazendas, 410 fogos, totalizando mil setecentos e noventa e nove habitantes.

Os elementos da maior projeção social e econômica promoveram meios para criação da Vila, a fim de preencher o vazio judiciário e administrativo entre a Capital e Pombal, que eram as únicas sedes da justiça e da administração da então Capitania da Paraíba, levando em consideração a densidade demográfica e a potencialidade econômica dos seus homens.

Mas o engenho malogrou-se, visto que o ouvidor geral, Antonio Soares de Andrade Brederodes, incubido pelo Vice-Rei do Estado do Brasil de promover a instalação de duas Vilas, sendo uma no Carirí Velho e a outra na Zona do Seridó, preteriu São João, favorecendo as aspirações de Campina Grande, movido por interesses econômicos, mais que por razões de justiça.

Proprietários a fazendeiros, representando a população de São João do Carirí, não aceitaram passivamente a preterição e representaram ao governo geral, em veemente documento, firmado por Domingos da Costa Romeu, Inácio de Barros Leiros e José Francisco Alves Pequeno.

Atendendo a reclamação, ou por outros motivos, o governador geral mandou criar a Vila de São João do Carirí em 1800, verificando-se a instalação a 5 de maio de 1803, sob a denominação de Vila Real de São Pedro, em homenagem ao regente, prevalecendo porém a denominação escolhida anteriormente.

O Patrimônio territorial que naquele tempo, era essencial para criação da Vila, foi doado pelo Sargento-Mor José Francisco Alves Pequeno.

Em 1710, a pedido do governador João da Maia Gama, determinou sua Majestade que fossem criados dois julgados nos Sertões da Paraíba, a fim de darem assistência judicial e administrativa aos milhares de habitantes expostos aos vícios e a toda sorte de misérias, até que se concedesse faculdade ao ouvidor geral para que naqueles lugares edificassem vilas. Os dois julgados únicos e mais antigos da Capitania da Paraíba, criados por ordem de S. Majestade, foram os de Piancó e Carirí Velho. Enquanto o do Piancó (Pombal) começou logo a funcionar em 1711, o do Carirí Velho, também chamado Carirí de Fora, só a partir de 1776 é que teve lugar a sua instalação e na verdade,

quando começou o seu foro civil, cuja sede foi em São João do Carirí

São João do Carirí, apesar de município desde os primeiros anos da centuária passada, não guardou o arquivo do seu antigo julgado, visto que os papéis e livros de notas foram destruídos e se transformaram em pó, sob o olhar indiferente de muitos ilustres escrivães. Até o arquivo da Matriz, que foi levada à condição de Paróquia ou curato do Carirí, de fora, o pouco que resta ali é um livro de Tombo que constitui hoje a própria história do lugar. Neste livro, constam anotados casamentos, batizados, óbitos e cortejo inanimado dos primeiros curas que serviram à freguesia deN. S. dos Milagres. O território compreendido na freguesia de N. S. dos Milagres era muito vasto. Além de toda a região do Carirí, propriamente dito. Incluíam-se os territórios das futuras freguesias de N. S. do Desterro do Boqueirão e das capelas de São José das Pombas, N. S. Santa Ana do Congo, etc.

Neste livro antigo da freguesia de Milagres de Fora, encontra-se, vez por outras, notícias de batizados e casamentos, os quais eram realizados sob licença do cura do Carirí, que na época era o Pe. Antonio Rodrigues Pires.

Os cronistas registram a criação da paróquia como tendo se verificado em 1850, mas segundo o Livro do Tombo da Matriz de N. S. dos Milagres, ele já existia desde 1º de setembro de 1748, quando ali esteve em visita à freguesia dos Milagres, o visitador Manoel José Fernandes que, não podendo os bispos realizarem suas visitas pastorais pelo interior, delegavam poderes para as fazer em nome deles e da diocese sob cuja jurisdição viviam.

Não foi pequeno o número desses visitadores que ali estiveram e no desempenho de missões as mais diversas.

Não deixa também de ser curioso o registro nos livros paroquiais da Igreja dos Milagres, não apenas da passagem desses visitadores mas o registro das missões de catequese realizadas nos antigos aldeiamentos indígenas, onde se destacam as missões da fazenda Oryá (Ariús), a missão do Brejo de Fagundes sob a direção de Frei João Batista Ferrari, missionário Capuchinho, a missão dos Cucurus, a missão dos bruxaxás, etc.

Abaixo, transcrevemos um registro de casamento realizado à 15 de outubro de 1759, no lugar do Caroatá do Agreste desta freguesia de N. S. dos Milagres.

"A 15 de outubro de 1759, no lugar do Caroatá do Agreste desta freguesia feita as denunciações na forma do Sagrado Concílio Tridentino onde são os nubentes moradores, sem descobrirem impedimentos como me mostra da certidão do padre Domingos da Cunha Fonseca, missionário de Campina Grande, em minha presença, estando presentes por testemunhas Joaquim Pereira da Silva, e o tenente José da Luz Marinho e outras pessoas conhecidas. Casaram-se por palavras de presente em face da Igreja, Tomaz, crioulo escravo do reverendo Manoel de Oliveira, com Benta Maria, viúva que ficou do defunto Francisco da missão dos Cavalcantes, e logo lhe deu as bênção conforme o estilo e cerimônias da Santa Madre Igreja, de que fiz este assento, dia e era ut supra. Antonio Rodrigues Pires, cura do Carirí".

Estes acontecimentos históricos e belos foram escritos pelo Pesquisador, Historiador e Escritor Wilson Nóbrega Seixas, a quem homenageamos neste trabalho em forma de agradecimentos.

JOSÉ LEAL, Jornalista, filho do Carirí, em seu trabalho - VILA DE TRAVESSIA, assinala a presença de três ramos importantes de famílias responsáveis pelo povoamento da região do Carirí Velho e a projeção que rapidamente adquiriu: "Os Farias Castro, originários da diocese do Porto, sobre a qual é necessário que pesquisadores destaquem a importância do papel que uns e segundo outros, procedentes da freguesia de Romeu no ducado de Guimarães, que é considerado o berço da nacionalidade portuguesa, e os Costa Vilar, naturais da diocese do Porto e naturalmente, com vinculação familiar aos Costa Romeu a julgar pela identidade do apelido".

É ainda o autor de VALE DA TRAVESSIA que registrando a passagem, em 1860, do Presidente Silva Nunes por São João do Carirí, do qual falaremos em outro Capítulo, reiterando os conceitos emitidos pelo jornal "O Imperial", assinalou a impressão que os visitantes recolheram e esta, aliás, não foi favorável apesar da recepção acolhedora que lhes reservou a elite local, da qual eram figuras principais, os bacharéis Elias Eliaco da Costa Ramos, Claudino José dos Santos Leal, Genuino Correia Lima, além de Francisco Aprigio de Vasconcelos Brandão, avô do jornalista Assis Chateaubriand e fundador do célebre Colégio da antiga Vila de São João do Carirí.

O Professor Brandão, foi colega do Presidente Silva Nunes e aluno da turma pioneira da Faculdade de Direito do Recife.

ASPECTO GEOGRÁFICO

Antes que se chegue a São João do Carirí, tem-se a impressão viva de uma terra seca.

O contato com as terras desfavorecidas e angustiadas do Carirí, é denunciado pela vegetação típica dessa parte do território paraibano.

O facheiro, o mandacarú, erguem-se para as nuvens que passam os seus braços esqueléticos como numa súplica muda, pedindo alguma coisa que lhes falta à continuidade da vida.

O caatingueiro cobre a terra, deixando aqui e ali a mostra do terreno vemelho, as folhas secas pela intensidade solar apresentando um aspecto de tristeza perversa.

E as pedras, a imensa quantidade de pedras que povoam os vales, os leitos dos rios secos, os lados das estradas, as serras às vezes, formando uma verdadeira montanha, constituída por uma pedra só.

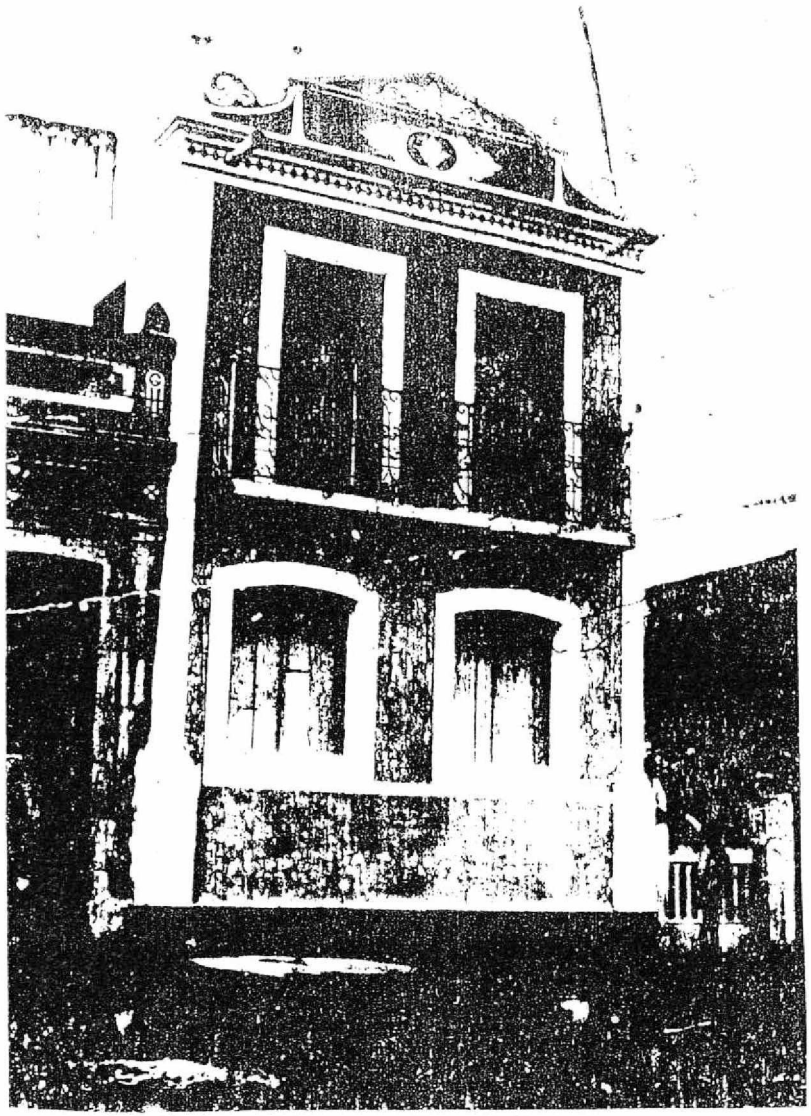
O Carirí é assim, todo cheio de pedras. Talvez elas queiram dizer na sua linguagem sem palavras, puramente simbólica, que somente as pedras podem sobreviver naquele ambiente asfixiante de sol e calor.

Mas o homem forte teima em permanecer ali. Tenta dominar a terra e todos os esforços são envidados no sentido de conseguir seus objetivos. Enfim, esta vitória espetacular que se obteve nos primeiros dias de colonização servirá para mostrar o caracter e a perseverança do povo do Carirí.

A cidade que é banhada pelo Rio Taperoá, limitava-se na época, com Campina Grande, Cabaceiras, Pernambuco, Monteiro, Taperoá, Soledade e Juazeirinho.

São João do Carirí, é cortada pela BR-412, totalmente asfaltada.

E sua maior Serra é da Arara.



Sobrado do Dr. Mingú, Prédio onde funcionou a Prefeitura Municipal por muitos anos e posteriormente a Cooperativa Agrícola.

BASE ECONÔMICA

O Município de São João do Carirí, tem como base econômica, firmada na Agricultura e na pecuária, sendo sua principal fonte de renda, a cultura algodoeira. Entretanto produz cereais como o milho, feijão e em pequena escala a mandioca. Verifica-se a produção de frutas regionais como a laranja, manga, cajú, goiaba, melancia, melão,e outras frutas tropicais.

Antigamente existiam no Município, pequenos Engenhos movidos à força animal, produzindo a rapadura, mais para o consumo do que para o comércio, acontecendo o mesmo com a plantação e o comércio de mandioca.

Na cidade, haviam dois maquinismos de beneficiar o algodão, produzindo a lã que era vendida no comércio de Campina Grande.

Há razoável criação de gado leiteiro e corte, sendo que a criação de Caprinos e Ovinos são as que mais adaptaram-se à região.

Têm-se desenvolvido em toda região Carirízeira a plantação "ALGAROBA" excelente ração para animais.

Na fauna, vamos encontrar ainda hoje em pequena quantidade, todos animais do Nordeste, tais como: Onças, maracajás, raposas, tatú, tamanduá, emas, etc. Cobras venenosas como a cascavèl, jararaca e cobra-coral.

NOSSAS RIQUEZAS

O nosso Município é coberto de muitas riquezas, quais sejam: Minérios como a Colombita, almiante, mica ou malacacheta não exploradas atualmente.

Uma outra riqueza escondida no anonimato, segundo os mais antigos, é a existência de "Botijas" nome estranho para muitos jovens. Na Botija, guardava-se dinheiro, jóias, objetos de valor deixados pelos nossos antepassados. Eles, em quase sua totalidade, eram assim: durante toda a sua existência juntavam todas as suas economias, compravam aquilo que lhes era necessário, e tudo o que de valor que lhes sobrava era enterrado em lugares os mais diversos, para depois da morte oferecerem às pessoas da família ou em outros casos, a estranhos. Isto acontecia através de sonhos, no período aproximado de 3 dias. Em troca do tesouro pediam para pagamento de promessas feitas quando em vida, e que, por ironia do destino, não conseguiram pagar. Em outros casos, a troca do tesouro era feita através de preces. É um mistério que até os dias atuais ninguém conseguiu descobrir, porém é verdade.

Outra riqueza natural de nossa terra é a existência do tradicional açude Público fonte de abastecimento de água potável para os habitantes da região. Sem dúvida, uma fonte de beleza natural, dado o local onde foi construído. São águas calmas armazenadas olhando e

orando surdamente para um grande cruzeiro em cima do morro, como se o símbolo de Cristo alí estivesse a abençoar a tudo e a todos.

À margem direita do lado Sul da cidade existe o Riacho Maracajá e, se não tivesse sido danificado pelas mãos dos homens que ainda insistem em lutar contra a natureza, hoje teríamos uma bela paisagem turística. Em épocas de inverno, geralmente, as famílias da cidade faziam festas naquele lugar tão atrativo e agradável tomando banho. Que saudade.

Na cidade, ainda documenta-se a existência do Prédio onde funcionou a Prefeitura Municipal, o Casarão da família Ramos e outros. Pois bem, a nossa terra é também um ponto turístico.

LUTAS HISTÓRICAS

São João do Carirí, foi cenário de muitas lutas gloriosas. Desde o seu descobrimento, lutas contra a natureza, contra os homens brancos, lutas políticas e lutas pela sua liberdade administrativa. Sempre, em todas, soavam os Clarins da vitória.

O saudoso escritor Campinense, Cristino Pimentel, em seu livro "PEDAÇOS DA HISTÓRIA DA PARAÍBA" nos conta, com muita precisão, episódios interessantes da luta contra a perturbação à mão armada provocada pelos Drs. Augusto Santa Cruz e Franklin Dantas contra o Governo do Estado, luta de caráter político, convulsionando o Sertão, derramando sangue, avolumando prejuízos, espalhando terror nas cidades do interior que encontrou em São João do Carirí, uma reação histórica e brava pela coragem de seu povo.

Tudo começou no dia 31 de maio de 1912 às três horas da tarde. O ataque foi maciço. 400 homens a atirar em tudo e em todos por dentro das ruas, com raiva de índio e grande berreiro. Ansiosos por entrarem e caírem lá dentro para dar expansão aos instintos, destruir as autoridades e depois marchar sobre Soledade e Campina Grande, municípios visinhos. Mas, foram em vão os seus esforços.

Embora os homens do Dr. Santa Cruz tenham chegado cedo à Fazenda Cantalice para reconhecimento do terreno e prepararam-se para o assalto, só na madrugada iniciou-se a operação.

Convém salientar que o Sr. Francisco Cantalice não participou do plano, apenas recebeu os cangaceiros sem de nada saber. É que à frente do bando encontrava-se um conterrâneo seu de nome CAPIBA.

Nosso destacamento policial defendeu a cidade e impediu que caíssemos nas mãos dos inimigos.

Compunha-se de 60 praças, comandados pelo JOSÉ VICENTE, corajoso militar que não temeu enfrentar o próprio Coronel Rêgo Barros e sua comitiva quando da sua visita política à heróica Cidade, a favor do qual os dois caudilhos sertanejos andavam a perturbar os espíritos, batendo-se pela candidatura repudiada pelas forças políticas dominantes, em vez de marcharem com João Machado, Epitácio Pessoa, Venâncio Neiva e Walfredo Leal que apoiavam a candidatura Castro Pinto.

Ao lado dos corajosos soldados, lutaram os irmãos José e Pedro Medeiros, João Cordeiro, Manuel Calixto, Inácio Brito e outros destemidos homens que não desejavam ver sua cidade querida, vencida nas mãos de tão perigosos assaltantes.

Thomas Caryle disse:

"As más palavras geram outras piores, até que vem a palavra péssima e depois o ato mau".

Adicionai muitas sucessões de palavras de ira e aí tendes a briga à mão; reuni essas briga à mão; reuni essas brigas todas com os rancores virulentos que deixam, e elas produzirão motins e revoltas.

Assim são certos passos da vida dos homens brigões e cheios de ódio. Pensam que estão agindo direito, estão errados e sem querer precipitam-se ao abismo mergulhando profundamente.

E quem em questão política ou mesmo pessoal, não sentiu isso? Diz-nos uma voz: NÃO DESCANSES, NÃO PARES, caminha para o teu destino.

E foi o que aconteceu com os dois caudilhos de fibra marchando contra São João do Carirí.

Que voz ouviram eles? A do seu ideal. Quem se opôs aos seus desejos? O destino.

Relatou ao Escritor Pimentel uma testemunha dessa luta onde o tiroteio prolongou-se até às oito horas do dia 1º de Junho. A coisa esteve preta para os defensores. Disse mais; parecia **FOGO NO AR EM GRANDE QUANTIDADE.**

O Capataz Hino, mordaz na sua valentia e perigoso nas suas maquinações de mau instinto e de grande coragem, **atacava a cadeia,** o soldado Maribondo a defendia. Hino, reconhecendo a coragem do soldado gritava: **Passa para o nosso lado Maribondo do diabo.** Maribondo, policial destemido, respondia: "A abelha não vai não, vai o ferrão",

e disparava toda a carga do seu rifle Papa-amarelo contra os inimigos da ordem. Mesmo nas horas de aflições e perigos surgem coisas engraçadas como esta.

Veja-se o destino ingrato: Maribondo apesar das provas de valente que dera na Campanha de 1912, foi expulso da Polícia, quando em recompensa à sua coragem e aos bons serviços prestados como defensor do Estado, deveria ter sido reformado com uma boa promoção.

À noite, os denodados defensores de São João do Carirí, viram que a munição escasseava e não teriam onde buscar.

Hora de dúvida, hora de desespero. Assim resolveram numa tentativa de vida ou morte, sairem alguns dos combatentes para uma retaguarda.

Tardava a chegada do Tenente Rangel a socorrê-los como era esperado. Escolheram alguns homens dos mais valentes e cautelosos, esgueirando-se pelo corredor deixado para a retirada das famílias protegidas pela escuridão da noite, sairam para cumprir a espinhosa missão, porém corajosa e nobre.

A retaguarda foi dirigida ou comandada pelo bravo Sargento Pedro Medeiros, com 7 praças e alguns civis corajosos, contando-se entre eles o Sr. Inácio Brito, João Medeiros, João Mariz e outros; este último veio a falecer, completamente louco, embora calmo e sem ficar furioso.

O passo surtiu o efeito desejado, os atacantes, como mocós em perigo, atinavam os ouvidos e reconheceram que estavam entre dois fogos, julgaram ser tropas do exército e da Polícia que vinham de Campina Grande contra eles. Estabeleceu-se o pânico.

Os valente homens dos Drs. Santa Cruz e Franklin Dantas debandaram numa fuga desordenada, deixando muitos mortos para trás.

Pagaram caro o atrevimento. Sempre acaba em desespero todos aqueles que abraçam causas injustas e desumanas. O destino tem brinquedos que enlouquecem os homens, punindo-os como bem entende. As dívidas contraídas com o infinito nunca serão esquecidas, e é o próprio devedor, esquecido do porquê e sem compreender como quem vai buscando os meios de um dia saldá-las.

O Dr. Guillotin inventou a Guilhotina e morreu nela. Nero mandou assassinar a sua genitora e terminou fazendo-se matar por um dos seus libertos exclamando: "Que artista o mundo vai perder." Ele quis dizer talvez: Que monstro o mundo vai perder.

Assim, o saudoso Jornalista Campinense em seu precioso Livro, nos deu um maravilhoso trabalho didático. Trabalho este que deveria ter seu uso obrigatório em todos os estabelecimentos de Ensino do Estado, e muito especialmente na Região do Cariri, pelo valor histórico, e sobretudo pelas verdades e Sinceridades de suas palavras – A VOCÊ CRISTINO NOSSA GRATIDÃO.

COMBATE AOS CANGACEIROS

Descrevemos no capítulo anterior, a luta contra os homens do Dr. Cruz em 1912. Falaremos agora do valor de nossa gente de campanha contra os Cangaceiros e malfeitores organizados e espalhados por todo interior do Estado, escondidos às sombras de fazendeiros denominados de coiteiros, amedrontando as famílias e cometendo toda a sorte de selvageria.

Foram momentos de sofrimentos, aflições e de expectativas a qualquer hora da noite ou mesmo do dia. As casas eram invadidas, roubadas e danificadas pelos inimigos da lei. Eram grupos muito bem armados e municiados, compostos de perigosos elementos criminosos já condenados e fugitivos das cadeias Públicas.

Homens como Antônio Silvino, o velho Antônio como era conhecido, chefe do grupo, valente, porém traiçoeiro e frio, cometeu toda sorte de miséria contra o nosso povo. Perseguido pela Polícia, terminou sendo dominado e preso segundo informações dos mais antigos e, morreu logo após a sua liberdade.

Outros elementos perigosos como Zé de Toto, Zé Timbaúba também perturbaram a ordem nos municípios do interior e no município de São João do Cariri, não alcançando êxito, terminaram fugindo para não mais voltarem.

O conhecido e famoso Rei do Cangaço, o Lampião, terror dos sertões, cuja história hoje todos conhecem através de filmes e novelas exibidos nas televisões, também foi muito combatido pela Polícia local

com a ajuda de valentes homens. Apesar de sua coragem, malícia e perícia acabou sendo preso e morto juntamente com Maria Bonita, sua companheira, e seus Capangas, vítimas de uma traição de um fazendeiro seu coiteiro. Não fora isto, sem dúvida, acreditamos que ainda hoje continuaria sua vida selvagem.

Na Revolução de 1930, ao lado do imortal Presidente João Pessoa, lutando pela legalidade, muitos de nossos irmãos de armas em punho ao lado da força Pública, derramaram seu precioso sangue e com luta, coragem e civismo, deram combate às Tropas do Cel. José Pereira, destemido Chefe Político da Cidade do Município de Princesa Izabel da Paraíba, cuja batalha tinha como objetivo principal a derrubada do Governo João Pessoa, de quem eram anteriormente amigos e correligionários. Para isto contava com o apoio e ajuda do Governo Federal, porém, para nossa alegria, a Paraíba foi vitoriosa.

No levante Comunista de 1935, o Carirí, esteve presente, alguns voluntários se incorporaram a nossa Força Policial e seguiram para São Paulo, entre eles destacamos o Médico Dr. Higino Costa Brito, o (Tenente Higino Brito).

Na última Guerra Mundial, nos anos de 1942, vários de nossos conterrâneos vestiram a gloriosa Farda da Força Expedicionária Brasileira e seguiram para os Campos de Batalha da Itália.

Assim, é a nossa brava e ordeira gente, sempre presente às causas justas em defesa da terra, assim serão novas gerações.

A CHACINA DE SÃO JOSÉ DOS CORDEIROS (1935)

Em 20 de agosto de 1935, quando o Município de São João do Cariri encontrava-se em plena campanha Eleitoral, o então Distrito de São José dos Cordeiros, foi palco de sangrento conflito a mão armada planejado por políticos fracassados e desesperados, pertencentes à tradicional família "GAUDÊNCIO".

Naquele dia, o distrito amanheceu todo enfeitado com bandeirolas coloridas numa demonstração bem viva de que iria receber importantes visitas, enquanto que grande quantidade de suas casas residenciais tinham sido transformadas em trincheiras para os fugitivos saírem após a prática de fogo e execução do plano sinistro contra os canavieiros da Aliança Liberal que naquele dia em peregrinação encontravam-se visitando os seus correligionários e onde deveriam falar ao seu povo.

O plano malicioso e perverso, tinha como principal objetivo eliminar o destemido Deputado Liberal Tertuliano de Brito e alguns de seus parentes mais próximos bem como o chefe Político local Sr. Nestor de Andrade Lima, homem forte e que desfrutava de grande prestígio naquela região.

A hora destes dois homens públicos, ainda não havia chegado, a cilada recaiu sobre a cabeça do Sr. Líbio de Farias Castro, cunhado do Deputado Tertuliano de Brito e do Professor Pascoal Trocoli, Diretor

do Grupo Escolar de São João dos Cordeiros em serviço de Inspeção. Ambos foram bárbara e covardemente assassinados tendo caído em plena rua sem o tempo para defesa. Também foi atingido e morto um membro da família Caluete, e Chefe político do distrito de São José das Pombas, sendo este, amigo da família Gaudêncio.

Foi um dia de muita tristeza e a festa terminou em sangue e lágrimas. O povo revoltado com o ato ateava fogo em casas comerciais, usinas de algodão e o quebra-quebra foi geral, enquanto os criminosos fugiam pelos caminhos anteriormente preparados para a fuga. Era o povo querendo fazer justiça com as próprias mãos. Isto ficou provado no decorrer do volumoso Processo quando os famosos depoimentos foram confessados.

As famílias enlutadas, luto forçado, provocado pelas mãos assassinas destes políticos profissionais que nunca ganharam porque não souberam perder e nada fizeram pelo povo.

São José dos Cordeiros, nunca esqueceu e nem esquecerá o triste e lamentável episódio, o povo daquele distrito sempre foi generoso e hospitaleiro, detestava brigas, homens como Domingos Chagas Brito, fazendeiro e exemplar pai de família, Salviano Brito, Severino Imperiano, o Escrivão Borba e tantos outros que fogem à memória e que já partiram deste mundo, deixando aqui na terra larga folha de serviços prestados a sua terra.

Com o passar dos tempos, a velha política de perseguições desapareceu. Novas lideranças surgiram e hoje São José dos Cordeiros foi elevada a categoria de Cidade.

ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

É atualmente Prefeito Municipal de São João do Carirí, o Senhor JOSÉ FERREIRA GOMES, que vem governando com muita honestidade e com absoluta vontade de trabalhar pelo bem da terra e felicidade de seus munícipes, bem como pelo progresso de todos os aspectos econômicos da municipalidade.

Diante de todas as dificuldades que o País vem atravessando nos dias atuais de ordem sócio-econômico, é bom salientar que o Prefeito vem realizando, dentro das possibilidades do orçamento do município e cotas de participações distribuídas aos municípios, uma empreendedora administração.

Tem o edil do Carirí, como meta primordial o "SOCIAL" sem esquecer dos problemas de saúde, educação e agricultura, procurando desenvolver uma política igual para o único e próspero Distrito Caraúbas.

Atualmente vem realizando algumas obras e como destaque o Estádio de Futebol, para prática de outras modalidades esportivas, uma velha aspiração dos habitantes da Cidade, construiu um moderno Clube Social no centro da cidade, onde hoje se realizam festas, reuniões e outros eventos importantes. Concluiu o calçamento em todas as principais ruas, sem esquecer da limpeza, dando assim um colorido agradável aos visitantes.

Mantém as custas do município um Posto Médico-Hospitalar com serviços Odontológicos também. No campo educacional, o Prefeito tem se esforçado muito, criando mais escolas e construindo mais salas de aulas proporcionando assim um caminho mais fácil àqueles que desejam aprender. Igual tratamento, ele tem para com o Distrito e na zona rural.

O despacho abaixo, trata-se de uma liminar na justiça ao MANDADO DE SEGURANÇA contra o Ato do Legislativo que fez voltar a séde da Comarca e Município de Serra Branca para São João do Cariri.

DESPACHOS

Do Des. Antonio Cartaxo: Rec. de despacho do relator do Mandado de Segurança nº 106/59. Real des. Antônio Cartaxo. Rect.·. O Estado da Paraíba. Recda.. À Prefeitura Municipal de São João do Cariri. "C presente recurso foi interposto da decisão que concedeu a medida liminar, com apoio no art. 7º., inc. 11 da Lei nº 1533 que alterou dispositivos do Código de Proc. Civil, relativos ao mandado de segurança. Embora sem lei processual que autorize o recurso, foi o mesmo interposto com fundamento no art. 42 do Regimento Interno do Tribunal, não era de ser admitido o recurso interposto, uma vez que não encontra o mesmo apoio nenhum dispositivo da lei processual e nem da lei 1.533, que regula a marcha do processo de mandado de segurança. Admito, entretanto, por liberalidade e seu seguimento para conhecimento deste Egrégio Tribunal. Na hipótese dos autos, a medida liminar tem assento no art. 7º inc. 11 da citada lei nº 1.533. O objetivo da decisão recorrida foi impedir a execução de uma lei aparentemente inconstitucional. E além disso a sua execução resultaria em não negar, certo transtorno à própria administração da justiça, de vez que a lei impugnada não fez nenhuma referência à sede da comarca ao determinar a transferência da sede do Município, silenciando, portanto, quanto à parte judiciária, o que importa com essa omissão da lei, a duplicidade de juízes em uma comarca de primeira entrância, com exercício em uma comarca de primeira entrância. Ora, é claro que não tendo a lei determinado de maneira expressa a transferência da sede da comarca, o juiz tinha que permanecer no exercício do cargo, uma vez que não podia requerer a sua disponibilidade porque a sede da comarca, o juiz tinha que permanecer no exercício do cargo, uma vez que não podia requerer a sua disponibilidade porque a sede da comarca continuou em Serra Branca que, pela lei passou a ser de primeira entrância.

Apresentada a questão nestes termos, não havia porque negar a medida liminar requerida face aos seus relevantes fundamentos, só me resta manter a decisão recorrida. Sejam os autos conclusos ao Exmo. Des. Presidente para os devidos fins.".

CORRIGINDO UMA INJUSTIÇA

Epitácio SOARES

"JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA"

Uma comissão do município de Serra Branca recém-criado pelo Governo do Estado, esteve com o colunista a fim de convidá-lo a assistir, no próximo dia 28, à instalação da Comarca do mesmo nome.

Serra Branca, um dos mais florescentes aglomerados humanos da zona caririzeira, era desde 1947 a sede do município de São João do Carirí, por um ato injusto do legislador constitucional, que usurpou a autonomia municipal da velha cidade localizada às margens do rio Taperoá.

Apreciando o caso de São João do Carirí em dois ou três artigos publicados nesta coluna, a nossa opinião foi sempre uma só: a de que o constituinte paraibano de 1947 ao invés de transferir a sede do município para a vila de Serra Branca, elevada a categoria de cidade, deveria antes desmembrado esta de São João, constituindo novo município.

O erro foi clamoroso atingindo os brios da família caririzeira, que não esqueceu até hoje nem tampouco soube perdoá-lo. Criando agora o novo município de Serra Branca e fazendo voltar à sua antiga sede o governo municipal de São João do Carirí, a Assembléia Estadual e o próprio Governador Pedro Gondim estão corrigindo uma injustiça, absolvendo o Poder Legislativo daquele erro tremendo, inserido nas disposições transitórias da Carta Magna da Paraíba.

Alguém, pergunte porque não sendo este colunista caririzeiro, não tendo interesse comuns com o povo de São João do Cariri, tanto se preocupa nos seus escritos com a situação daquele município. A resposta é muito simples a essa interpelação que por acaso possa ser feita.

Nesta coluna escrevemos diariamente sobre problemas municipalistas, como adeptos que somos desse sistema de doutrina instaurado no Brasil com a Constituição de 1946. São João do Cariri é como todos sabem um dos municípios mais antigos do Estado, com um passado rico de tradições gloriosas, que precisa ser respeitado.

A transferência da sede municipal para Serra Branca pelo legislador constituinte, além de usurpar a autonomia política de São João do Cariri é como todos sabem um dos municípios mais antigos do Estado, com um passado rico de tradições gloriosas, que precisa ser respeitado.

A transferência da sede municipal para Serra Branca pelo legislador constituinte, além de usurpar a autonomia política de São João do Carirí, veio ferir profundamente todas essas tradições, motivo pelo qual ainda mais constrangida ficou a família caririzeira.

É claro, portanto, que o municipalista identificado com a sua doutrina, e fiel a esse princípio tinha naturalmente de advogar a causa de São João do Cariri. Foi o que fizemos.

UM TEMA OPORTUNO
(Hercílio Brito)

A Lei 2.065, que cria o Município de Serra Branca, encravado em terras do Cariri Paraibano, ao contrário de que sucedeu com tantos outros diplomas emancipacionistas, teve a sua execução sustada por despacho que, como medida liminar no processamento de um mandado de segurança, foi proferido pela autoridade judiciária competente.

O MANDAMUS - Remédio excepcional que a Lei receita para casos de recuperação de direito líquido e certo não acobertados por HABEAS-CORPUS.

– Ostenta, como argumento de primeira grandeza, uma afronta que teria a Lei 2.065 praticado contra disposição explícita da Constituição Estadual. Discute-se que, tendo o ato das disposições constitucionais transitórias, no seu Art. 19, determinando o deslocamento da sede do Município de São João do Carirí, para Vila de Serra Branca, elevada a categoria de cidade, não era possível, sem grave ofensa ao preceito constitucional, que a Lei 2.065 restaurasse, como o fez no seu Art. 2º, a antiga sede de São João do Cariri.

Uma Lei ordinária - Eis a tese - não constitui meio hábil para a reforma de norma constitucional.

Quanto a feição constitucional do Art. 2º, em causa, assunto que será ventilado em comentários posteriores entendemos que somente pode impressionar aos que se contentam com um estudo superficial da matéria.

O objetivo destes comentários restringe-se a um estudo sobre o poder de contaminação que é atribuído no Art. 2º, da Lei 2.065. Admitindo, para argumentar a tese empossada no WRIT, de que tal disposi-

tivo legal é a sede de uma enfermidade maligna, procuraremos evidenciar a impossibilidade de no caso, de um processo de metástase, por via do qual todas as demais partes vitais do organismo da Lei, reduzidas a células degeneradas, perderiam condição de sobrevivência.

Um erro clínico, muitas vezes, é pior do que a moléstia. Concluir-se que a pretensa inconstitucionalidade de um artigo possa contagiar todos os demais dispositivos da Lei, à semelhança de voto nulo, que tomado sem as cautelas da Lei, torna imprestável toda a votação da urna, constitui, evidentemente, um erro palmar. De fato: se uma Lei contém em suas entranhas dispositivos incompatível com os mandamentos traçados na Constituição, mas se impões invulnerável nos seus demais artigos. VIGORA VALIDADE NA PARTE SÃ NÃO AFETADA PELA INCONSTITUCIONALIDADE; (Castro Nunes) "O Mandado de Segurança", pg. 369. Isto, aliás, não constitui novidade. A decretação de inconstitucionalidade de uma Lei, no todo ou em parte, é assunto tratado de modo expresso na Lei maior. Não venho, portanto, com ares de quem, julgando-se descobridor da pólvora, pretende ministrar uma lição, ou debater com idéias próprias uma tese controvertida.

Pontes de Miranda, cuja opinião ilustra qualquer trabalho jurídico, portando-se ao Art. 64 da Constituição Federal, deixa claro que a suspensão de Lei ofensiva aos princípios estatuídos na Carta Constitucional atinge A PARTE QUE FOI APONTADA COMO INCONSTITUCIONAL, OU TODO, QUE O FOI, NUNCA O TODO PORQUE UMA PARTE O FOI. (Comentários à Constituição de 1946. Quinto volume, pg 284. Importa argumentar ainda, que as demais disposições da Lei 2.065 não decorrem, absolutamente, do artigo acoimado é a criação de um Município, fato que independe da restauração da sede de outro Município, temporariamente transladada para o território de Município criado.

A pretendida impossibilidade de por meio de Lei ordinária, localizar a sede de São João do Cariri, que outra coisa não fez o artigo 2º da Lei 2.065, não implica em que esteja legalmente preterida a criação do Município de Serra Branca. Não seria, por conseguinte o tão castigado artigo 2º ao qual estão atrelados os demais artigos da Lei 2.065 que afetado estivesse de uma lesão incurável, tornaria imprestável o diploma legal que o a b r i g o u.

FIM



Comissão do município de Serra Branca em visita ao "Diário" vendo-se sentados, ladeando o nosso companheiro Epitácio Soares, os srs. Prefeito Aderbal Chagas, José de Farias Tavares e José Cavalcanti de Brito. De pé, no segundo plano José de Farias Brito, José Ribeiro de Brito, Francisco Moreira de Albuquerque, Belisario Duarte Barros, Antonio Bezerra de Souza.

CONSIDERAÇÕES

Em CAPÍTULOS anteriores, focalizamos as lutas à mão armada em defesa do povo e de suas famílias. Falamos do Ato de transferência da Sede da Paróquia de "Nossa Senhora dos Milagres".

Agora, iremos falar e escrever tópicos da batalha judiciária contra o ato político e mesquinho de políticos profissionais da terra, roubando nossa autonomia política conquistada com lutas e sacrifícios.

Esta matéria poderia ser mais completa, entretanto, infelizmente não foi possível, por falta de elementos básicos. A fonte consultada nada tinha a oferecer.

Valemo-nos de matéria de nosso arquivo particular.

O assunto resume-se no Projeto de autoria do então Dep. Nivaldo Brito, restaurando o Município de São João do Carirí, cuja autonomia tinha sido cassada desde 1947, quando foi promulgada a nova Carta Constitucional do Estado.

O Município de São João do Carirí, de acordo com a lei de sua restauração, deveria subir a sanção governamental, seria desvinculado de Serra-Branca e passaria também a constituir município autônomo.

A alegria da vitória durou pouco. O Projeto do Dez. Nivaldo Brito foi torpedeado pela Justiça através de uma liminar com parecer que transcrevemos para outro Capítulo. A luta foi longa e terminou cantando o hino da vitória.

* * *

UM TEMA SUGESTIVO
(Hercílio Brito)

Voltamos a tecer considerações em torno da Lei de criação do Município de Serra Branca, há tempo aguardando pacientemente, uma decisão do Tribunal de Justiça do Estado. Os nossos comentários, desta vez, tem o artigo 19 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, conduzido em maca as salas de radiologia do edifício judiciário, sob a alegação de que fora traiçoeiramente atingido pelo tacape contudente do artigo 2º da Lei 2065.

É ELEVADA A CATEGORIA DE CIDADE – EIS A VÍTIMA – E CONVERTIDA EM SÉDE DO MUNICÍPIO E DA COMARCA DE SÃO JOÃO DO CARIRI, A ATUAL VILA DE ITAMOROTINGA, RESTAURADO O SEU ANTIGO NOME DE SERRA BRANCA.

Concordamos em que o preceito transitório, vindo ao mundo por um período efêmero de duração, tenha sofrido o impacto de um desgaste fatal, que o prostou por terra, sem vida. O que, porém não é razoável, sob o ponto de vista do direito, é a incriminação que se pretende seja judicialmente reconhecida, de que o dano sofrido pelo artigo 19 do Ato Transitório tenha sido praticado pelo artigo 2º da Lei 2.065.

Estamos ao lado dos que entendem que o dispositivo constitucional em causa não conseguiu sobreviver ao fato da criação do Município de Serra Branca.

De fato: constituiria absurdo sem precedente que a cidade deste nome, transformada pela Lei 2.065 em sede do Município de São João do Carirí, e o que fez o legislador do artigo 19 do Ato Transitório, foi nada mais nada menos, de que transferir a sede de um Município para

localidade, então situada DENTRO DO MESMO MUNICÍPIO. Nem poderia ser de modo diferente. Tal solução, entretanto, à atualmente inconcebível, porque a localidade em apreço – Serra Branca – por força da Lei 2.065, constitui TERRITÓRIO DE OUTRO MUNICÍPIO. Não mais existindo o objeto sobre que incidiu em 1947 o mencionado artigo 19 e sendo ele de natureza transitória conclui-se pela desnecessidade de Lei que o revogue, pois segundo a palavra sempre respeitada do professor José Frócolo; A CONTRÁRIO SENSU, as Transitórias não exigem, para que percam a vigência, um preceito revogatório: A entender de outro modo. Nenhuma diferença existiria, quanto ao tempo de duração, entre as leis permanentes e as transitórias.

Veja-se a opinião de Eduardo Espínola sobre o assunto. DISPOSIÇÕES.

DISPOSIÇÕES HÁ QUE SE DESTINAM EXCLUSIVAMENTE A REGULAR RELAÇÕES NUM PERÍODO DE TRANSIÇÃO COMO SUCEDE AS DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS – QUE SE ENCONTRAM NO FIM DOS CÓDIGOS E DAS GRANDES LEIS.

Quanto a sua duração, diz o eminente tratadista: TODAS ESSAS LEIS DEIXAM DE TER VIGOR EM UM CERTO MOMENTO; AUTOMATICAMENTE SEM QUALQUER ATO ULTERIOR.

E concluí, citando o Professor Italiano Carlos Espósito. TAMBÉM TEM POR CONSEQÜÊNCIA O FIM DA LEI, INDEPENDENTEMENTE DE QUALQUER DISPOSIÇÃO DE DIREITO POSITIVO; O DESAPARECIMENTO DO SEU OBJETO? TORNANDO MATERIALMENTE IMPOSSÍVEL (Tratado de Direito Civil Brasileiro Vol. II, página 96.098.

De tal raciocínio, resulta a improficuidade de um exame radiológico no artigo 19 do Ato Transitório de nossa Constituição. O trabalho do judiciário restringe apenas, a uma autópsia ou necrópsia se preferem o têrmo que é muito mais adequado. Após o que DE-CUJOS, que outra coisa não é o artigo 19, deve ser posto em câmara ardente no Tribunal de Justiça. Já é tempo de que os juízes da Corte Paraibana, mergulhados em suas tocas, que, no caso, adquirem, o aspecto de vestes fúnebres, procedam à autópsia necessária e levem o defunto ao túmulo. Do contrário ele como fantasma, a fazer assombrações baixando, sempre que invocado, nas sessões espíritas dos escritórios de advocacia.

UM ESCLARECIMENTO

Nivaldo de Farias Brito

Creio que o ponto alto de minhas atividades na Assembléia Legislativa da Paraíba até esta data, consiste na apresentação de duas proposições: uma, criando o município e a outra comarca de Serra Branca, outra, restaurando a sede da antiga e tradicional cidade de São João do Carirí.

Ingressei na vida Pública com o firme propósito de fazer o maior bem possível a minha terra, projetando-a honrosamente no seio das demais comunas paraibanas.

Ingressei na vida Pública com o firme propósito de fazer o maior bem possível a minha terra, projetando-a honrosamente no seio das demais comunas paraibanas.

O marco inicial de toda a obra que pretendo realizar, é sem dúvida, o desmembramento do município. Estamos em plena época do municipalismo. Toda região que esteja em condições de constituir um município, deve ser emancipada. Somente deste modo o progresso se estenderá a todos os recantos, os quais, passarão a ser favorecidos por uma administração cada vez mais presente na solução dos diversos problemas e, também, mais eficiente, dado os recursos financeiros decorrentes de quotas anualmente distribuídas pela União.

É verdade que encontrei sérios obstáculos na luta que empreendi pelo desmembramento do nosso território. A bancada udenista da Assembléia Legislativa, que apenas se preocupou com as conveniências de caráter político-partidário de seu representante nesta terra, tudo imaginou e tudo fez no sentido de embaraçar e impedir que Serra

Branca fosse elevada à categoria de município e São João do Carirí readquirisse a sua antiga condição de sede. A princípio a campanha foi feita sorrateiramente pelos corredores da Assembléia, passando, em seguida a se transformar numa verdadeira guerra onde todos os recursos foram postos em prática, desde a quebra de número para a votação até os pronunciamentos mais categóricos na tribuna parlamentar. E o deputado udenista desta terra, embora isto pareça incrível, assomou a tribuna para, num apelo dramático, suplicar aos seus pares a derrota de um projeto, que não era meu, mas dos habitantes de todos os rincões do município.

Lutei; lutei muito. Estou porém, satisfeito: lutei ao lado do povo. E mais satisfeito ainda, estou porque venci.

Falam – aqueles que colocam as conveniências partidárias e os caprichos de família acima dos interesses do povo – que a luta não está terminada; que a vitória não está consolidada. Num esforço derradeiro, fruto do mais brutal e odioso sentimento de repulsa à terra natal, vão bater às portas do poder judiciário. Pretendem anular tudo o que foi feito.

Proclamo a minha confiança na Justiça da Paraíba. Entretanto, qualquer que seja a situação, asseguro ao bravo povo de São João do Carirí e ao não menos bravo povo de Serra Branca, que não ficarei de braços cruzados. Estarei em qualquer momento ao lado do povo e envidarei todos os recursos cruzados. Estarei em qualquer momento ao lado do povo e envidarei todos os recursos legais no sentido de que esse mesmo povo não seja espoliado dos seus mais legítimos direitos. A minha convicção é de que ao lado de uma justa causa. Irei até o fim.

SAÚDO, nesta hora, o povo de São João do Carirí, pela reconquista de um direito que sempre lhe pertenceu e que lhe foi injustamente arrebatado. SAÚDO igualmente o povo de Serra Branca pela assinatura de sua lei áurea, a lei de sua emancipação.

13/5/1959.

NAQUELA ÉPOCA – UMA VISITA IMPORTANTE

Como anunciamos no CAPÍTULO anterior, trataremos agora de uma Visita importante, a do Presidente da Província da Paraíba, Senhor LUIZ ANTÔNIO DA SILVA NUNES, nos idos de 1860.

O Presidente SILVA NUNES segundo, o analista Wilson Seixas, decidiu realizar uma viagem por todo o território paraibano, tendo como objetivo visitar o seu povo e sentir de perto as suas necessidades. A viagem não foi tão cômoda, pois fora feita a "CAVALO", meio de transporte mais comum naquela época.

A viagem teve o seu início no dia 17 de setembro de 1860, às 4:30 da manhã. Fala Wilson, que foi o primeiro Presidente a percorrer à cavalo, os longíncuos recantos do Estado, muito embora outros presidentes terem andado visitando o interior, porém não chegando além de Campina Grende.

O Presidente Nunes e sua comitiva, após percorrer várias cidades, chegou a Cabaceiras, uma cidade vizinha e amiga, de lá partindo em direção à São João do Carirí, no dia 23 às 6 horas e 10 minutos para ter que percorrer mais ou menos 8 léguas em 3 horas.

Distante da Vila quatro léguas, ao meio da viagem, sairam ao encontro de S. Exa., os drs. Juiz municipal, promotor público e Claudino, e em distância mais aproximada os drs. Vilar de Carvalho e Vasconcelos Brandão, delegado e mais cidadãos que procuravam ter a honra de

cumprimentar S. Exa., o que conseguindo tomaram parte da comitiva.

A maior parte dos cidadãos que se apresentaram na ocasião da partida de S. Exa., da Vila de Cabaceiras, o acompanharam até a de São João.

Repetiu-se nesta Vila, depois da chegada de S. Exa., o que tinha sucedido nas demais, foi S. Exa., visitado por cidadãos de todas as classes, que a porfia procuravam aproximar-se do Presidente e mostraram a satisfação de que se achavam possuidos por tão importante visita.

Continuando o Sr. Silva Nunes, no propósito de ver e examinar por si as cousas e conhecer as pessoas, dirigiu-se à escola de primeiras letras na qual examinou um dos alunos, que mostrou bastante adiantamento, o que foi verificado em relação aos demais alunos, resultado este de que se mostrou satisfeito o Sr. Silva Nunes e prova que o respectivo professor toma interesse pela instrução de seus discípulos e procura assim cumprir os deveres do Magistério.

A Matriz da Vila achava-se em péssimo estado, foi o que observou S. Exa.

Na tarde do dia 24 seguiu o Sr. Silva Nunes para Vila Teixeira, em busca do Alto Sertão.

DATAS FESTIVAS

A principal festa da Cidade, é sem dúvida a da Padroeira-local "NOSSA SENHORA DOS MILAGRES".

Todos os anos acontece, sempre revestida de muita fé e muito brilhantismo nos dias 03 à 08 de setembro, constando de duas partes distintas, isso a exemplo de todas as festas religiosas a serem realizadas no interior do Estado:

Uma destinada às solenidades puramente religiosas, constando de novenário, Missas com Sermão ao Evangelho, Comunhão das crianças e pregações ao Evangelho, terminando com uma Procissão com o acompanhamento da imagem de Nossa Senhora dos Milagres, pelos fiéis percorrendo as principais ruas, enquanto outros pagam suas promessas das mais variadas formas.

A este ato, nestes dias, costumam comparecer centenas de filhos da terra, hoje residentes em outros municípios e até em outros Estados diferentes, que vem à sua terra receberem as bênçãos de protetoras.

A outra consta de animados Pavilhões, barracas de prendas etc., servidos por gentis senhoritas de nossa sociedade. Parques infantis e até adultos, Rodas Gigantes e outros variados divertimentos interessantes, abrilhantam as festividades profanas que termina com a Eleição da Rainha da Festa, escolhida através de votos comprados, cuja renda será revertida em benefício da Igreja Matriz.

Natal e Ano-Novo, festividades natalinas como chamamos, também fazem parte do nosso calendário festivo. Sempre apresentam os folguedos tradicionais do folclore nordestino.

Comemoramos com igual brilhantismo os festejos juninos com realizações de animados bailes ao som de conjuntos regionais, quadrilhas e outros divertimentos que se prolongam até alta madrugada, tendo sempre presente nas mesas a tradicional canjica, pamonha, tapioca, pé de moleque e o milho assado nas brasas das fogueiras que iluminam as residências numa demonstração de muita fé.

Na Zona rural, em anos de inverno, realizam-se as tradicionais festas das vaquejadas que é o principal divertimento do homem do campo, onde afamados vaqueiros da região reúnem-se para mostrarem sua perícia montados em seus cavalos bem preparados. É sem dúvida uma festa muito animada, que conta sempre com grande número de pessoas a aplaudirem os cavalheiros corredores.

O Carnaval, festa popular ao alcance de todos, tornou-se uma festa muito animada na região.

Datas Cívicas como 7 de setembro, 15 e 19 de novembro e feriados nacionais, sempre foram comemorados com muito brilhantismo.

SÃO JOÃO DO CARIRÍ
REPRESENTAÇÃO

Esta terra que tem hoje o nome de São João do Carirí, sempre teve sua representação no cenário político nacional, atividades Legislativa do Estado.

Um dos mais antigos Senadores do Carirí, foi o Velho Político Dr. José Gaudêncio de Queiroz, seguido pelo Dep. Federal Gratuliano de Brito.

Na Assembléia do Estado, sempre foi comum a presença de dois deputados, um da oposição e outro do Governo, isto permaneceu por muitas legislaturas, e quando não havia candidato da terra, surgiam candidatos de outros municípios que recebiam votação do partido político local.

Na área da Câmara Federal, vários foram os deputados votados em nossa terra, entre eles, Janduy Carneiro, José Jófyli, Drault Ernany, Samuel Duarte, Alcides Carneiro, Abelardo Jurema, Teotônio Neto, Álvaro Gaudêncio, e por último o Dep. Joacil de Brito Pereira, que apesar de não ser da terra, tem uma grande folha de serviços prestados ao município e sempre esteve presente defendendo os nossos interesses e conseguindo recursos para obras em nossa Cidade e Distrito.

Hoje, praticamente, não temos representação na Câmara Federal, vários foram votados aqui, e nenhum deles souberam reconhecer aquilo que de nós receberam, os votos de antemão.

Na Assembléia Legislativa, temos dois representantes, o Dr. Pedro Medeiros e o Dep. Manoel Gaudêncio, por incrível que pareça, do mesmo partido.

Os tempos mudaram, meus conterrâneos e os políticos perderam a seriedade, o amor aos seus ideais, a fidelidade partidária já não existe mais, o vento levou para outro mundo, o mundo das desilusões, deixando em nossos corações as recordações, dos homens de bem, que foram tantos, e tantos em nossa terra...

INAUGURAÇÃO AUSPICIOSA

O fato da criação de um serviço Postal naquela época significava um acontecimento histórico e oportuno para o desenvolvimento da terra.

Em 1829, precisamente há 160 anos que pelo Decreto de 05 de março do mesmo ano, reverenciado pelo Ministro José Clemente Pereira, foi criada uma administração Postal e teve a sua inauguração a 15 de julho daquele mesmo ano, sendo o seu primeiro Administrador o Sr. Joaquim de Oliveira Junior. Daí, foram criadas por vários Estados e Municípios do Brasil e mais ou menos em julho de 1836 foi criada a Agência Postal em nossa terra que anos depois veio a chamar-se Agência Postal – Telefônica pelo fato da implantação do Serviço de Telefonia que embora precário tinha o seu grande valor, pois passaríamos a nos comunicar com os municípios vizinhos pelo telefone do Governo.

Com o desenvolvimento de nossa cidade, hoje foi criada a Agência dos Correios e Telégrafos passando a ser utilizado o sistema de MORSE, aparelho que transmitia em códigos, no mais absoluto sigilo, funcionando em uma residência não muito adequada. Em 1932, no Governo do Dr. Gratuliano de Brito, foi construido o Novo Prédio dos Correios e Telégrafos onde ainda hoje, melhor aparelhado funciona.

SÃO JOÃO DO CARIRÍ E SEUS FILHOS

São João do Carirí, é uma terra rica de filhos ilustres, figuras de todas as camadas sociais e vultos que construíram nossa grandeza e fizeram nossa história.

No Clero, além dos sacerdotes já citados em Capítulos anteriores, destacamos a figura do Pe. Ananias, virtuoso Vigário a serviço da Igreja Católica em nossa terra, e Pe. Inácio Cavalcante de Albuquerque, religioso autêntico, radicado em nossa sociedade por laços familiares, este sempre presente a todos os acontecimentos festivos do Caririí, porém não era Pároco de São João do Carirí e sim da vizinha cidade de Cabaceiras.

Pela nossa Paróquia, passaram virtuosos sacerdotes como: Pe. Apolônio Gaudêncio, Pe. João Noronha, Pe. Edgar Toscano, Pe. João Marques e Cônego Bandeira da Paróquia do Distrito de Caraúbas.

Dois outros Padres participaram da nossa vida religiosa; Pe. Sílvio, da paróquia de Sumé, Cônego Vicente Rodas de Monteiro e mais o Pe. Apolinário.

Na justiça, a história nos fala de Dr. Abdias da Costa Ramos, Elias Ramos, Dez. Inácio Brito e tantos outros que no momento me falha a memória.

Destacamos a figura simpática do Dr. Vicente Nogueira Batista, este sem ser advogado de offcio, sempre foi chamado de advogado dos pobres, por defender os menos favorecidos, sem lhes cobrar nada. Era um ser humano com bons propósitos e jamais o esqueceremos.

Na política, foram numerosas as personalidades da nossa época, Tertuliano da Costa Brito, Gratuliano de Brito, este chegou a governar a Paraíba, na qualidade de Interventor, Dr. José Gaudêncio de Queirós além de Deputado Federal era Professor da Faculdade de Ciências Econômicas do Distrito Federal, e foi Juiz de Direito.

Tertuliano Brito, foi eleito Presidente da Assembléia Legislativa do Estado, escolhido pela maioria de sua bancada.

Falo agora no Prefeito "INÁCIO FRANCISCO DE BRITO", meu saudoso "PAI", desculpe-me a modéstia, não se pode falar em São João sem que se fale nele e de seu Governo à frente da edilidade Municipal, provisoriamente por quase dois anos, no Governo do imortal Presidente João Pessoa e eleito logo depois pela vontade popular para mais de um Mandato.

Encontrou os cofres públicos da Prefeitura Municipal vazios, uma prefeitura verdadeiramente falida e sem crédito no comércio para comprar nada...Os livros e documentos de mais importância, foram criminosamente queimados, para que mais tarde o povo não viesse tomar conhecimento dos desmandos cometidos pelas administrações anteriores. A arrecadação do Município baixou a (0) e os salários dos servidores estavam com um atrazo de quase um ano. Enfim, encontrou a Prefeitura Municipal sem as mínimas condições de funcionar.

Sentou-se em cadeira velha e logo começou a governar dentro do plano que modestamente havia elaborado. Dentro de poucos dias a arrecadação aumentou melhorando as finanças ao ponto de liquidar os débitos com o comércio local e de Campina Grande, pagou aos servidores da edilidade e começou a trabalhar sem ódio e sem vingança, em benefício da terra. Fez uma administração profícua e honesta, e para isto contou com a ajuda dos representantes dos Distritos tais como: Cel. Amaro Travassos, da Vila de Santana do Congo, hoje cidade do Congo, Serviliano de Farias Castro e Pedro de Farias Castro da Vila de Caraúbas, Severino Carneiro da Vila de Coxixola, Antonio Régis da Vila de Sucurú, Nestor de Andrade e Domingos Chagas em São José dos Cordeiros, hoje cidade de Cordeiros, José Mariano e Faustino Cavalcante de Vila São José das Pombas, hoje Parari, Fenelon Medeiros, Francisco Medeiros e Aprígio Ribeiro do Distrito de Santo André, José Coutinho, Sebastião Coutinho do Distrito de Timbaubas do Gurjão, hoje cidade de Gurjão, Cazuza Brito, Honorato Brandão e Bento Antonino do Distrito de Serra Branca.

Manteve durante o tempo em que governou, uma boa política com os Municípios vizinhos; Soledade, Cabaceiras, Taperoá e Monteiro. Com esta forma de administrar, conseguiu fazer muito por quem precisava tanto, entrou na Prefeitura com as mãos limpas saiu, deixando para os seus filhos um exemplo que hoje seguimos, misturando-se com as saudades.

O que escrevemos neste Capítulo, poderá ser atestado por aqueles que o conheceram e ainda vivem, (Amigos e adversários, porque inimigos ele nunca os teve).

São João do Carirí, foi berço de centenas de filhos dignos e honrados; seria uma injustiça a omissão de seus nomes. Foram eles que construiram a nossa terra e que muito contribuiram para o seu desenvolvimento.

Major Patrício Maracajá, Pedro Avelino de Morais, João e Severino Medeiros, Alfredo da Silveira, Severino Tavares e irmãos, José Amancio de Barros, Francisco Cantalice, José Luiz, Professor José de Sá, Julio Meira, Beltrando Farias, Tertuliano do Rêgo, Inácio de Farias Oliveira e tantos outros.

Na arte, foram grandes os nossos artistas: Lindolfo Gomes, (Pedreiro) – Antonio de Simão (Pedreiro) – Sr. Vino Fogueteiro, Jonas Cordeiro e Sebastião Tavares – marceneiros Sr. Galdino e Sr. Virgilio – Ferreira, entre tantos outros que lamentavelmente não recordamos os seus nomes.

Acredito que em todas as cidades brasileiras, existam pessoas que semente são conhecidas pela alcunha, ou seja pelos apelidos. Na minha cidade não poderia ser diferente e para quebrar um pouco a seriedade nos nossos escritos, recordamos alguns deles com suas atividades profissionais: ARIPIBO, acreditamos que ninguém sabe até hoje o seu verdadeiro nome, era um bom eletricista, que cuidava do Motor Elétrico da cidade como Auxiliar que era do titular. JOSÉ TITO, PIABA, o responsável e bom homem, cujo nome era Severino de Castro Ramos, sapateiro caprichoso, trocando mais tarde de profissão para o comércio de venda de quadros religiosos por ser muito católico, Sr. HAÚ, nome verdadeiro, Gervásio Martins de Araújo, funcionário aposentado, homem valente e calmo, apontado também como contador de histórias; KATITA, Alfredo da Silveira Lima, barbeiro, boêmio até a morte. Não se preocupava com a idade, por ocasião de festas era o primeiro a chegar. Homem sério e querido por todos. JOSÉ CAMBOTA, José Oliveira, músico e excelente rapaz, tinha este apelido, por ter as suas pernas tortas, mesmo assim era um bom jogador de futebol; ZÉ BRINCO, José Eurives da Silva, funcionário aposentado, fora apelidado assim por ter em uma das orelhas um sinal em forma de brinco; SE CUNHA, respeitável Clodomiro Cordeiro, carcereiro honesto e de uma moral fora do comum, merecia a confiança de todos.

Abro espaço neste trabalho, para falar de um homem que quando em vida, prestou grandes serviços à população, como enfermeiro prático e conhecido por SEU ABEL; era como se fosse um médico em toda região do Carirí, onde não se tinha assistência Médica. Por isso, tornou-se respeitado na profissão. Seus diagnósticos eram sempre confirmados por médicos da cidade de Campina Grande.

JOSEDEK CORDEIRO, homem sério e sisudo, ocupante do cargo de Mestre da Banda de Música do Município, também era compositor.

ROQUE MAGALHÃES, Roque Arara, como era conhecido, Oficial de Justiça; INÁCIO PATRÍCIO, também Oficial de Justiça; MANUEL BULCÃO, Escrivão do 1º Cartório, competente e bom; MARIANO GORDO, marceneiro, homem forte, comia mais do que trabalhava, Outras tantas figuras simpáticas e boas, existiam em nossa terra, sentimos profundamente as suas faltas e lhes oferecemos em forma de agradecimento esta página com nossas saudades.

HOMENAGEM AOS NOSSOS MESTRES

São João do Carirí, foi também berço de grandes educadores e, nesta página, em forma de reconhecimento e agradecimento, falamos neles e para eles, se não em todos por fugirem a memória: Professor Luiz Queiroz, respeitável homem, bom e dedicado ao Magistério e com enorme folha de serviços prestados a nossa terra no setor educacional, Professora Henriqueta Aragão, querida mestra e que muito contribuiu para desenvolvimento do ensino em nosso município seguida por Inácia Bulcão, Josefa Cordeiro, Stelita Cordeiro, Albertina Ramos, Cecy Ramos, Tereza Fernandes, Gina Pessoa e tantas outras que muito dignificaram o Ensino da terra.

Nessa nobre e bela missão de ensinar e educar, passaram pela nossa cidade inteligentes e dedicados mestres e mestras como Elizabeth Cruz, Cleonice Trigueiro, Iracema Siqueira, Neuza Maracajá, Maria José Antonino, João Freire, Arnaldo Leite, Antonio Alencar, José Paiva o Martir Pascoal Trocoli, Dona Anita e tantos outros. Abnegados ao Magistério.

Já nos tempos passados, tivemos o educador Vasconcelos Brandão que recebeu em sua homenagem o nome de uma Rua.

São João do Carirí sempre neste aspecto foi prestigiada.

Agradecemos em forma de oração a todos eles, e que as sementes por eles plantadas, sirvam de luz para novas gerações.

LÉLO

"AURELIANO" este era o seu nome verdadeiro um louco ajuizado, porém louco de amor. Sonhava e lutava para conseguir uma companheira e por isto sofreu muito.

Homem sério e trabalhador, morava numa cabana, a mais ou menos 2 Km da Cidade de São João do Carirí, construída em um terreno bem acidentado, era também possuidor por herança de pouco mais de 6 hectares de uma boa terra, às margens do Riacho denominado de Cachoeira, ocupado por uma variada plantação de fruteiras regionais. Era lá que Lélo contumava passar os dias úteis da semana cuidando bem das plantações, e assim ganhava o dinheiro suficiente para sua manutenção, sem pedir nada a ninguém.

Vivia feliz, sempre na esperança de encontrar a deusa de seus sonhos. Certo dia, Lélo apaixonou-se verdadeiramente por uma jovem de nome "ROSINHA", uma linda rosa que só existia dentro da sua imaginação. Era como um conto de fada, que alimentava os seus sonhos e o seu coração.

Por este amor, pagou caro, o suor derramado, as mãos calejadas, serviram para alimentar os desocupados que sem escrúpulos e portadores de recados de Rosinha, pediam sempre alguma coisa em troca, fruto do seu trabalho, honesto. Generoso e apaixonado, julgava que o seu amor mandava lhe pedir tudo aquilo e por este motivo enviava. Convém salientar que não eram só os desocupados que usavam deste expediente, haviam pessoas de situação definida que vendo o estado em que se encontrava Lélo "APAIXONADO" não perdiam tempo para tirar o seu proveito.

Ele não sabia escrever, embora fosse alfabetizado, por esta razão tinha que apelar para os aproveitadores, a quem pedia para ler e responder as cartas recebidas e escritas por Rosinha. Meus conterrâneos, isto que estou escrevendo não é lenda, são fatos verídicos. Muito engraçado eram as expressões ditadas por Lélo, em resposta às recebidas. Recordo-me de algumas frases: **amargurado, saudosamente,** coração cheio de **saudades e maltratado,** e **maus traçadas linhas.**

Se alguém procurasse retirar de sua cabeça ou de seu coração esta paixão, respondia com um sorriso humilde as seguintes palavras: "Você... O Sr. está é roendo". Outro aspecto era que Rosinha possuía um aparelho que notava facilmente todos os movimentos feitos por ele. Assim foi a vida de Lélo, por muito tempo, até que um dia apareceu em sua vida uma outra jovem que o fez esquecer a Rosinha, no entanto esta existia de verdade, chamava-se IVETE, uma jovem bem simpática, filha de um coletor Estadual de nome Enéas Barbosa que havia sido transferido para a nossa cidade.

Não foi difícil para ele acreditar no amor de Ivete. Fora ele mesmo que, em tom de brincadeira, propôs o namoro. Não sabia ele o que iria encontrar pela frente, a começar pelo pedido de casamento ao Pai da moça, pedido este que nunca realizou. Embora Ivete tivesse ido embora para João Pessoa, certo dia Lélo recebeu uma carta dela comunicando que iria ela lhe fazer uma visita. Porém, iria de avião, e por este motivo pedia a ele que fizesse em frente a sua residência uma pista de pouso, ou seja (um campo de Aviação) como era chamado na época. Tarefa difícil, uma construção com esta, principalmente pelo fato do terreno ser muito acidentado. Mas isto não o perturbou, era satisfazer a vontade de sua amada... Porém, nunca o terminou. Morreu trabalhando e consigo levou ao túmulo o seu verdadeiro amor por IVETE.

O MESTRE DA TESOURA

Já falamos de várias personagens que de uma forma ou de outra, muito contribuiram para o desenvolvimento de nossa terra. Porém, não se pode omitir a figura simples e simpática de Augusto Urbano, vindo de Itabaiana, com uma tesoura na mão, para servir a esta terrinha e vestir o seu povo.

Se não me falha a memória, foi ele o primeiro "Alfaiate" em São João do Carirí. Naquela época, os homens se vestiam com roupas feitas por costureiras boas e aqueles que tinham condições financeiras melhores mandavam confeccionar seus ternos em outras praças, como por exemplo: C. Grande e até em João Pessoa.

Augusto Urbano, a quem homenageamos, neste trabalho, era um homem de estatura baixa, pai exemplar de uma numerosa família, radicado em nossos meios desde 1939. Era uma pessoa humilde, honesta e de muito bom humor. Gostava de rir e fazer os outros rirem. Amava São João do Carirí como se fosse o seu torrão. Querido por todos, assim viveu todo o tempo trabalhando na alfaiataria onde pouco tempo depois instalou um bar. Era vivedor e gostava de trabalhar. Assim permaneceu até quando mudou-se para Natal, para ficar ao lado de seus filhos, deixando saudades a todos do Carirí.

GOVERNANTES

Na galeria dos filhos ilustres que governaram o Nosso São João do Cariri, figuram nomes de pessoas estranhas que como Interventores não mediram esforços em pról do engrandecimento de nossa Cidade e pela felicidade de seus munícipes, figuras como o Dr. João Santos Coelho, Advogado de renome nos meios Jurídicos de João Pessoa. Governou com honestidade e seriedade logo conquistando a simpatia de todos os caririzeiros. Capitão Irineu Rangel de Farias, Oficial da briosa Polícia Militar do Estado, era calmo e valente, possuidor de grande valor moral. Major Eduardo Costa, também radicado em João Pessoa; onde desfrutava uma grande simpatia da sociedade pessoense.

Entre os filhos da terra que nesta página homenageamos pelos seus valores e pelo muito que fizeram por nossa terra, destacamos as figuras de: Inácio Francisco de Brito, Álvaro Gaudêncio de Queirós, Genival de Queirós Torreão, Nivaldo de Farias Brito, Joaquim Gaudêncio de Queirós, Francisco Moreira de Albuquerque, Alfredo Gaudêncio de Queirós, Ademar Batista de Moraes, Francisco Jordão das Neves, José Jorge da Silva e José Ferreira da Silva. Deixamos para citar por último, embora ele não tenha sido último, o Dr. Inácio Antonino Gonçalves eleito pelo voto direto e conquistou a vitória por 2 votos. Foi um pleito animado, festas e mais festas, comícios, passeatas, etc... Era imensa a vontade do povo que lutava pela sua vitória. Era o Candidato do povo, pobre contra os poderosos, contra o Capital, por isso a campanha se tornou mais bela, terminando com a sua eleição.

Dr. Inácio, governou bem, tinha como principal meta o social. Era o prefeito dos pobres e ainda hoje o é, como se a sua eleição fosse para um cargo vitalício.

A FIGURA DE MÃE TEREZA

Falamos em nosso trabalho dos filhos ilustres, intelectuais de nossa terra, sem esquecer as pessoas humildes do passado que muito fizeram pelo progresso de nossa cidade.

Entre elas, nossa homenagem especial e toda justa à respeitável figura de "MÃE TEREZA", a mãe de todos aqueles que para virem ao mundo, passava, pelas suas mãos abençoadas por Deus.

Morava ali bem perto do cruzeiro local, onde costumava fazer suas visitas e preces, "Era católica e devota de Nossa Senhora dos Milagres". Quem de nossa geração ou de gerações passadas não conheceu ou ouviu falar de Mãe Tereza, aquela preta de cabelos brancos e finos pela sua bondade, simplicidade e sobretudo, pelo amor à profissão sublime que abraçou... "SER PARTEIRA".

Não usava aparelhos cirúrgicos, o seu bisturi era o santo rosário que usava no pescoço com muita fé, e o seu diploma de parteira fora conseguido na maior Universidade do mundo, a do Paraíso. O Reitor era DEUS.

Era humilde, honesta e respeitada. Seu companheiro inseparável era o "CACHIMBO".

Quando cismava, tomava umas e outras de aguardente de cana, sua bebida preferida, e depois que esquentava saía passeando pelas

ruas ouvindo os gritos das crianças e até insultos dos adultos, e quando não suportava mais os abusos, entrava em qualquer residência cantando aquele verso de uma modinha bem conhecida:

"Não vá não Terezinha
Não vá não que o touro dá
Não vá não Terezinha na
porteira do curral"

evitando assim ofender alguém.

"MAE TEREZA" era uma pessoa muito querida, porém, a casa que gostava mais de ir era a de Dona Zila.

A notícia de sua morte, ao lado de seus filhos Mateus, Noberto e Amaro, abalou profundamente a todos e, sem dúvida, foi uma perda irreparável.

A você Mãe Tereza, nossa homenagem e nossa eterna saudade.

Fica no Céu... Jesus quer os bons.

CURIOSIDADE

É bom, e até necessário, nos dias atuais e principalmente em trabalhos desta natureza, onde escrevo pedaços da história de uma terra, fazer constar desde a capacidade de seu povo, aos seus costumes e fatos curiosos que envolvem as pessoas e que falam coisas que se tornam engraçadas.

Contaremos alguns fatos verídicos, de pessoas que fizeram a nossa cidade e também nos fizeram rir:

Um certo dia um Juiz de Direito da Comarca, ordenou ao oficial da justiça, conhecido por Roque Arara, que fosse à Agência Postal Telegráfica da cidade e entregasse à agente o seguinte bilhete:

"Dona Nén, se tiver correspondência para mim,
mande se não tiver não mande".

Um operário de nome Chico Basílio, eleitor da família Gaudêncio, perrepista de convicção, era um homem chegado a brigas, bastava um tema, embora não tivesse coragem alguma e nem físico para suportar pancadas. No mês de Outubro do ano de 1930, na época da Revolução, na cidade criou-se uma grande confusão, envolvendo policiais locais e elementos adéptos à Revolução por pertencerem ao Partido Liberal, e o pessoal do Partido Perrepista, terminando com prisões, correrias etc. Foi aí que Chico Basílio, sempre presente a acontecimentos desta natureza, ameaçado, tentou fugir a toda pressa para não ser preso sobre os gritos de pega, pega..., lá ia o Basílio, e quando já

atravessava o rio seco, mergulhou debaixo de uma cerca de arame farpado e ficou preso pela camisa. Temendo ser capturado pelos policiais gritou:

"Me soltem, eu sou liberal".

Um pedreiro de nome Antônio Felix, emigrante do Município de Teixeira, não era muito amante à água, por isto ninguém podia ficar muito tempo perto dele; um dia ao ser interrogado pelo comerciante Seu Severino Tavares, curioso para saber os motivos porque Antônio Félix não tomava banho lhe fez esta pergunta:

– Antonio, por que você não toma banho? imediatamente ele respondeu: – "Nunca se ouviu falar de alguém que morresse de sujo, e riu."

Na época em que nossa iluminação era gerada por motores a óleo, os serviços elétricos do Distrito de São José dos Cordeiros, eram precários. O Dr. Inácio Antônio ao se candidatar a Prefeito do Município, em plena campanha, prometeu se eleito, compraria um motor novo para atender melhor àquele Distrito. Ouvindo a promessa os seus adversários políticos duvidando da promessa, disseram a todo mundo:

"Este motor que Inácio Antonino está prometendo, é verde". OBS.: Quando alguém diz VERDE era porque a promessa não seria cumprida".

Resultado, o Dr. Inácio foi eleito Prefeito do Município por dois votos, e a primeira providência foi comprar um motor novo para o distrito, de Côr verde.

Como se verifica, tudo que está escrito, embora pareça coisas banais, são verdadeiras, apenas desejamos oferecer um pouco de tudo que somos, e de tudo que temos.

PRIMEIRO CLUBE

Sem sombras de dúvidas o "Esporte Clube Wandilo Brito", foi o primeiro Clube a ser fundado em nossa Cidade. Inaugurado pelo jovem e saudoso Serviliano Beltrando de Farias (Viano como era mais conhecido) nos anos de 1957 ou 1958, com a finalidade de desenvolver atividades esportiva em nossos meios; funcionando em sede própria, numa casa situada à rua Dez. Inácio Brito, a qual fora uma casa comercial pertencente a dona Felinta que ao morrer deixou em testamento a um estranho que por sua vez deixa o prédio à disposição do Clube recém fundado.

A casa foi remodelada, ficando com três apartamentos uma Sala com mesas. "dancing" e um palco para apresentação de "Shows" e peças teatrais.

Viano era jovem idealista, animador de todas as festas regionais, principalmente o Carnaval quando costumava apresentar novidades que pudessem divertir o público presente.

Viano, lamentavelmente veio a falecer tragicamente em Campina Grande assassinado que foi covardemente.

No Clube, funcionou também na Administração do Sr. Inácio Antonino, uma Escola de Corte-Costura e datilografia, diplomando várias turmas de jovens de nossa sociedade e pouco depois fora desprezada misteriosamente por administradores desinteressados em servir ao povo, mantendo uma Escola de tanto valor.

BANDA DE MÚSICA

Se não me falha a memória, a Banda Musical denominada de 4 de Outubro, foi fundada em 1929.

Composta de vários e dedicados jovens de nossa sociedade, a nossa Filarmônica muito brilhou em toda a região, Caririzeira, razão pela qual era sempre contratada para as festas religiosas das Padroeiras dos municípios vizinhos. Muitas vezes defrontava-se com outras na mesma cidade onde se encontrava, porém era sempre a mais aplaudida.

Sob a regência do Maestro Josdeck Cordeiro, dedicado músico, profundo conhecedor das notas musicais, desempenhou as suas tarefas, proporcionando assim muitas alegrias a nossa gente.

E assim foi, permaneceu até meados do ano de 1963, quando o poder Municipal a desprezou.

Era composta dos seguintes músicos: Jonas Cordeiro, Oscar, João de Sá Chiquinha como era conhecido, Velô, Zé do Sá, Jôsa, Inacio Patrício, Hercílio, Vandilo, Gerson Manú, Sandoval, Faustino Barros, Joaquim Caetano, Cajarana, Nivaldo, Zeca Magalhães (Zeca dos Piló), Fernando, Evaldo, Otávio, Genival, Azougue, Viana e outros dos quais não recordamos os nomes.

A vida é assim, esta Filarmônica, que nos deu tantas e tantas alegrias no passado tão recente, foi criminalmente destruída pelas mãos de administradores despreparados. Por esta razão, só nos restam as lembranças e saudades.

UM TIME DE FUTEBOL

Como toda cidade do interior São João do Carirí também tem e teve no passado o seu time de futebol.

Podemos dizer, sem sombra de dúvidas, que o **Carirí Esporte Clube,** fundado pelo jovem Vandilo Brito, foi a segunda agremiação esportiva fundada na nossa cidade.

Era um time respeitado em toda região, e mantido pelos próprios atletas. Em sua sede havia os mais variados jogos onde se podia, aos domingos e dias feriados, frequentar e desfrutar de um bom ambiente.

Em dias de jogos amistosos, sempre se realizam animados bailes que se prolongam até altas horas da madrugada.

O seu quadro de jogadores era o seguinte pela ordem: Luiz da Usina, Biu, Miminha, Fernando, Hercílio, Nivaldo, Vandilo, Sócrates, Gerson, Zé Cordeiro, Otávio, e mais grande número de bons reservas.

Com esta equipe, o time conquistou grande vitórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo escrito neste livrete, significa simplesmente uma demonstração bem viva de amor à terra que nasci e habitei tantos anos. Poderia escrever muito mais sobre ela.

É uma história. Poderia descrevê-la com todos os seus valores, de uma forma mais brilhante e até mais agradável, caso não fossem tão poucos os meus conhecimentos e recursos intelectuais.

Escrevi alguns fatos graças a escritos dos outros e depoimentos importantes de conterrâneos voluntários e muita coisa que me veio à memória.

Nada disto importa, o que importa mesmo, é a alegria que tenho de escrever "PEDAÇOS DA HISTÓRIA DO SÃO JOÃO DO CARIRÍ".

Pensamos também em recordar um passado de tantas lutas belas e históricas, que fizeram a nossa história, a história de uma terra que nasceu e progrediu à sombra do Cristianismo e sob a proteção de Nossa Senhora dos Milagres.

Desejamos relembrar os nossos irmãos ilustres de todas as camadas sociais, recordar os seus valores e sua coragem, (reviver tudo novamente).

Recordamos com muitas saudades um passado feliz e cheio de glórias.

Hoje, presos com o nosso modesto trabalho, transmitir às novas e inteligentes gerações quem foi, quem veio e quem é, o meu, o nosso São João do Cariri.

São João é assim, cheia de lutas e glórias...

Sabemos, portanto, que não se trata de uma obra literária, porém afirmo que é uma CARTA de A.B.C., que alegre e contente ofereço à juventude estudiosa de minha terra, em forma de agradecimento pela minha vida.

FIM